

GREIDANUS, Sidney. **Preaching Christ from the OT**. Eerdmans, 1999. 373p. Resumido por JLHack em março de 2002. [Aborda os métodos usados na Igreja para pregar Cristo a partir do AT e aponta um método mais equilibrado com caminhos alternativos para pregar o texto do AT e chegar até Cristo].

1. Pregar Cristo e pregar o AT

A) Todas as tradições concordam que Cristo é o centro da pregação, mas discordam sobre o que isto significa (cruz, Logos ou Jesus encarnado). O NT proclama Cristo encarnado no contexto da completa história da redenção. Enfoca a cruz, ressurreição e a chegada do reino de Deus. Pregar Cristo é proclamar algo da pessoa (Jo 1.18), obra (Jo 20.31) e ensino (Jo 8.31-32) de Jesus para que os outros o conheçam e o amem. Jesus nos ordenou a pregar sua mensagem (Mt 28.19-20). É uma mensagem importante (Jo 1.41-42) pois anuncia salvação (At 16.30-31) exclusiva em Jesus (At 4.12). Há tremenda necessidade hoje de ouvir esta mensagem.

B) O AT tem sido negligenciado na pregação atual (menos de 20% do total), devido ao uso de lecionários, da alta crítica, de rejeição do AT (Marcião, Schleiermacher, Harnack, Bultmann) e das dificuldades em pregar sobre ele (diferenças histórico-culturais, dificuldades teológicas e éticas, diferença de revelação sobre Deus e pela extensão do AT). Entretanto, o AT é parte do cânon, revela a história da redenção que leva a Cristo, proclama verdades não encontradas no NT (soberania do Criador, promessa do Redentor, aliança com Israel), auxiliar a entender (introduzindo conceitos) e evita má interpretação do NT, além de prover melhor compreensão sobre a pessoa, obra e ensino de Cristo.

2. Pregar Cristo a partir do AT

A) Há falta deste tipo de pregação pois há interesse na pregação centrada no homem (que generaliza e moraliza as histórias do AT), pela preocupação em não forçar passagens (alegorizando para achar Cristo nelas) ou pela separação entre o AT e o NT (crendo que o AT não fala de Cristo).

B) Há quatro posições sobre o caráter do AT: subcristão (rejeitam-no como Palavra e o usam seletivamente, conforme cap. 1), não cristão (consideram-no hebreu e separado do NT), pré-cristão (Bright; defendem-no como obra a.C., direcionado para Israel, sendo preciso vinculá-lo ao NT para ter sentido), cristão (a cabeceira de um rio não é um pré-rio, mas parte do rio. Embora a revelação cresça em direção ao NT, o AT é o do mesmo caráter e apresenta o mesmo Deus).

C) O AT conta uma história incompleta que só se completa com o NT. Uma única história de redenção os une e Jesus é o elo. Os autores do NT entrelaçaram fortemente seus escritos com o AT (cerca de 600 citações e 4000 alusões). Conclui-se que AT e NT são um só livro e, portanto, o AT deve ser interpretado à luz do NT e de Cristo (e vice-versa).

D) De que forma Cristo está presente no AT? Opções são afirmá-lo como o eterno Logos (foge da questão), lê-lo nos textos do AT ou partir do texto do AT e completá-lo com o NT. A melhor opção, contudo, é entender o AT messianicamente. Jesus (assim como os apóstolos e os evangelistas) pregou que ele era o cumprimento do AT. Pregar Cristo no AT leva as pessoas a conhecer melhor o AT e a ter compreensão mais profunda da pessoa, obra e ensino de Cristo.

3. História

A) Interpretação alegórica: predominou do 3º ao 16º século. O AT sofria muitos ataques que confrontavam o Deus do AT com o Jesus do NT. Isto levou os pais a usarem alegorias para explicar o sentido do AT. Justino detectava Cristo no AT pelas profecias, tipologia e alegorias. Irineu foi mais além nos princípios de interpretação, embora também tenha usado alegorias (mais conservadoras). A escola de Alexandria consolidou o uso das alegorias (Fílon, Clemente e Orígenes). Cada passagem das Escrituras tem sentido literal, moral e espiritual. Usaram alegorias para expor princípios

filosóficos e teológicos “escondidos” nas Escrituras. Orígenes cria não haver muito sentido para a interpretação literal e buscava em tudo um significado mais profundo.

Avaliação: usaram alegorias para pregar Cristo no AT, mantendo suas conclusões dentro da ortodoxia bíblica e defendendo o AT dos ataques gnósticos, pagãos e marcionitas. Entretanto, a alegoria permite ler ideias estranhas ao texto original (é limitada apenas pela imaginação do intérprete), tornando o AT um livro de charadas. Justino e Irineu são mais comedidos, alegorizando apenas ocasionais elementos de uma ou outra narrativa.

B) Interpretação tipológica: devido à ênfase anterior, formou-se uma nova escola em Antioquia (Teodoro, Crisóstomo) que defendia a interpretação literal-histórica. Reconhecia o uso de tipos no AT, mantendo equilíbrio entre o literalismo judaico e o exagero alegórico. Três critérios eram usados para identificar um tipo: semelhança entre as imagens, relação de promessa e cumprimento, transformação do tipo pelo antítipo em revelação. Considera que o AT apresenta Cristo em profecias e tipos.

Avaliação: (+) continua a forma bíblica de interpretação (profetas, Hb); elimina a interpretação subjetiva; promove interpretação histórica bem fundamentada; ao pregar Cristo, o teor messiânico está implícito no histórico (não distinto dele); reconhece revelação progressiva de Deus; (-) favorece a busca de tipos em detalhes incidentais, o que pode gerar alegorização dos textos.

C) Interpretação quádrupla: depois destas escolas, surge com Agostinho (inspirado em Ambrósio) a busca de um sentido adicional (o anagógico). Embora usasse profecias, tipos e interpretação histórica, Agostinho entendia que a alegoria devia ser usada em passagens difíceis (por exemplo, Sl 137.9) e para pregar Cristo no AT. João Cassiano nomeou os quatro sentidos como ficaram conhecidos e usados durante toda a Idade Média: literal, alegórico (os fatos prefiguram mistérios – fé), troropológico ou moral (explanação relativa à vida – amor) e anagógico (mistérios espirituais que levam a segredos celestiais – esperança). Jerusalém, por exemplo, representa respectivamente: a cidade de Israel, a Igreja, a alma, a cidade celestial. Em Tomás de Aquino (século 13), os três sentidos espirituais são “amarados” ao literal, restringindo os comuns excessos.

Avaliação: (+) deixou lugar para a interpretação literal e afirmou que era a base para a correta interpretação; buscou pregar Cristo de várias maneiras no AT; (-) a interpretação literal de fato era menosprezada; possibilitava interpretar um texto para concluir coisas muito diferentes, tendendo ao moralismo; força o texto a falar coisas que o autor não intencionava, fazendo a mensagem perder sua autoridade bíblica.

4. História II

A) Interpretação cristológica (Lutero): embora treinado na interpretação quádrupla, Lutero enfocou a interpretação literal e repudiou a alegórica. O fundamento da sua interpretação é o princípio da *Sola Scriptura*, desvinculando-se da submissão à tradição da Igreja. A Bíblia deve ser interpretada por ela mesma, sendo os pontos obscuros explicados pelas passagens mais claras. Todos podem compreender a Bíblia, por isso ela não deve ficar restrita ao clero. O AT é interpretado literalmente com sentido histórico e profético (messiânico), à luz do NT. Para Lutero, o AT enfoca a lei e o NT, o evangelho, sendo ambas partes necessárias da mensagem de salvação. Embora a justificação permeasse sua teologia, era o viver para o Cristo que permeava sua pregação. Lutero encontra Cristo no AT em predições diretas e pela permeação indireta do Evangelho (a promessa do Redentor), principalmente nos Salmos.

Avaliação: (+) pregação da graça recebida só pela fé; ênfase nas Escrituras (contra a tradição); pregar não apenas a verdade, mas mostrar sua relevância para nós; enfatiza a pregação expositiva do texto; (-) a interpretação profética força conceitos do NT na mente dos autores do AT; o foco apenas em Cristo pode deixar de lado outros aspectos da revelação do AT; a visão dialética de lei e evangelho como distinção entre o AT/NT deprecia a mensagem do AT como insignificante para hoje; uso ainda de alegorias e descaso da tipologia.

B) Interpretação teocêntrica (Calvino): embora concordando em muitos pontos, a ênfase de Lutero era sobre a justificação pela fé em Cristo, enquanto Calvino enfoca a soberania e glória de Deus. Também apreciava a escola de Antioquia, com sua interpretação literal-histórica, com aplicação para o povo comum. Tinha forte aversão às alegorias, dizendo que foi introduzida por Satanás para distorcer a verdade simples da Palavra. Seu método se baseia nos princípios: clareza e brevidade (foco); intenção do autor; contexto histórico; sentido gramatical; contexto literário; sentido além das palavras (conforme intenção do autor e contexto); figuras de linguagem; centralidade de Cristo; unidade entre AT e NT (uma só aliança de graça confirmada em Abraão e Moisés). A lei não apenas aponta nossa pecaminosidade e restringe atos errados, mas também revela a natureza de Deus e leva à obediência. As diferenças entre os dois testamentos se referem ao modo de administrar a aliança (não na substância) e à clareza na apresentação de Jesus. Para ele, Deus apresentou Jesus aos judeus sob a Lei e a nós sob o Evangelho. Por sua forte visão da unidade das Escrituras, Calvino buscava interpretar um texto dentro do contexto global da Palavra. Refutou o exagero de interpretar textos do AT apenas como messiânicos, demonstrando a necessidade de interpretação sólida e histórica. Criticava os excessos cristológicos de Lutero. Também afirmava que a Palavra era centrada em Cristo (Jo 5.39) e que, respeitando a revelação progressiva, Cristo pode ser encontrado no AT como o Verbo eterno (identificando-o com o Anjo do Senhor), nas profecias e nos tipos. Calvino faz escassas referências explícitas a Cristo, pois pregar sobre Deus para ele implica em se referir a toda a Trindade.

Avaliação: (+) ênfase na interpretação histórica e gramatical; busca da intenção do autor e estudo do contexto; ênfase na unidade dos testamentos em uma só aliança; pregação de Cristo com base nas promessas e tipologias, corrigindo abusos das alegorias; (-) insuficiente foco em pregar Cristo explicitamente; ocasional deslize em alegorias; tendência a aplicações moralistas sobre o texto pregado (sentido tropológico).

C) Modernas interpretações (Spurgeon e Vischer): i) batista de herança puritana, Spurgeon enfatizava a pregação sobre Cristo acima de tudo, com especial preocupação pelos incrédulos. Interpretava historicamente, mas encontrava um sentido espiritual, usando tipos, metáforas e alegorias.

Avaliação: (+) ênfase em pregar Cristo; uso de “caminhos” no AT para chegar a Cristo; (-) interpretação forçada dos textos, vendo Cristo neles; uso de versículos fora do contexto; generalização de princípios a partir de textos isolados; alegorização; isola obra de Cristo do contexto da obra do Pai; ênfase apenas na salvação individual.

ii) Vischer, num contexto alemão de rejeição ao AT e aos judeus, de alta crítica e de teologia estéril, defendeu a unidade dos testamentos, a centralidade de Cristo na teologia e a revelação através do AT de Jesus (por meio do Espírito). Em geral, usava tipologia e relacionava o AT com textos do NT e com trechos da vida de Jesus.

Avaliação: (+) declarou importância da pregação do AT; questionou a relação dos eruditos com a Igreja; insistiu na interpretação do AT no contexto do NT; reforçou que o AT testemunha de Cristo; (-) muita especulação nas ligações entre o AT e o NT e na identificação de Cristo em certas passagens; conceito de identidade entre AT e NT desconsidera a revelação progressiva da história da redenção; uso de alegorias; tendência ao Cristomonismo.

5. Princípios do NT

A) Pregação teocêntrica: a ênfase apenas cristocêntrica (sem ser teocêntrica) leva ao erro do Cristomonismo (achar que apenas Cristo é Deus). O NT ensina que Cristo foi enviado por Deus como Mediador para realizar a obra do Pai e lhe dar glória (1Co 1.23; 2Co 4.5-6; 5.18-20; 15.24,28; Mt 6.9-10; Jo 6.44; 1.18; 12.44-45; 14.13; 17.1-4). O objetivo da nossa pregação sobre Cristo deve ser o de glorificar a Deus, buscando restaurar seu domínio sobre os homens.

B) O outro extremo é a pregação apenas teocêntrica, esquecendo Cristo. O NT corrige isto declarando que devemos pregar Cristo encarnado. Os apóstolos pregam Cristo no AT a partir da realidade da vida de Jesus. Após a ressurreição, passaram a ler o AT percebendo as referências

messiânicas cumpridas em Jesus. Apenas 12 capítulos do NT **não** contêm alguma referência específica ao AT (sendo que a maioria tem pelo menos 2 citações). Tais citações perfazem 32% do NT. Embora influenciados pelos métodos de interpretação judaicos, isto não justifica nosso uso de tais métodos para pregar Cristo, pois os autores do NT buscavam alcançar o povo daquela época e não o homem moderno. As pressuposições do NT para interpretar o AT são: ação progressiva de Deus na história da redenção (criação, queda, redenção, nova criação) com centro em Cristo; início dos “últimos dias” em Jesus; Jesus é Deus eterno; personalidade corporativa (o indivíduo é parte do grupo e pode representá-lo – Is 53; 1Co 15.22); releitura do AT a partir de Jesus (coleções de textos messiânicos) assim como Jesus é entendido a partir do AT.

C) Caminhos do AT até Cristo:

i) Progressão da história redentora: modo principal de pregar Cristo no AT. Enfatiza que houve o tempo de Israel e agora é o tempo do cumprimento messiânico, inaugurado por Jesus.

ii) Promessa-cumprimento: embutido no anterior, porém com a compreensão de que todo o AT pode ser entendido como preparação do Messias (uso típico de Mt, autorizado por Jesus – Lc 4.21). Algumas promessas foram cumpridas no AT, mas várias ficaram em aberto, aguardando seu total cumprimento. Na verdade, as promessas têm cumprimentos parciais, quando então são renovadas em escala maior de revelação (sobre seu cumprimento final).

iii) Tipologia: também se inclui na história redentora, pois Deus age nela em padrões regulares (promessa-cumprimento=progressão; tipologia=similaridades). O NT encontra analogias (em escala reduzida) da obra de Jesus no AT, pressupondo que Deus é soberano e que, como Senhor da história, a usou para revelar os seus propósitos. Exemplos ocorrem nos profetas (Is, Jr, Ez), em Jesus (Mt 12.40 e seguintes; Jo 3.14-15; 6.49 e seguintes; Mc 14.24) e em Paulo (Rm 5.12-19; 1Co 5.7; 10.1-13; Rm 4) que enfatiza o vínculo teológico entre tipo e antítipo. Outros usos: Jo 1.14 (tabernáculo), 1.29 e 36, Mc 1.13; Mt 5.1–8.1 (Moisés); Jo 19.33,36 e grande parte de Hebreus.

iv) Analogias: o NT estabelece comparações entre Deus e Cristo, entre Israel e a Igreja, entre o relacionamento de Deus/Israel e o de Cristo/Igreja. Tais analogias enfatizam a continuidade do tratamento de Deus com Israel e com a Igreja.

v) Temas longitudinais: Jesus mesmo reinterpreta temas do AT, estendendo seu significado. E o NT dá continuidade aos conceitos do AT (sacrifício, redenção, manifestação do poder de Deus, etc).

vi) Contraste: muitas ações de Jesus também contrastam com a revelação do AT (destruir inimigos x amá-los; sinais externos da aliança x internos).

6. O método cristocêntrico

A) Interpretação cristocêntrica da história da redenção: o objetivo é pregar Cristo dentro de todo o conselho de Deus, unindo as ênfases teocêntrica (Calvino) e cristológica (Lutero). Evita os desvios enfatizando a interpretação literária, histórica e teocêntrica (o que revela sobre Deus e a sua vontade). A pregação expositiva não se limita ao texto em questão, mas explica seu contexto e correlatos. Pergunta-se o que a visão completa da história da redenção ilumina este texto. O que ele significa à luz de Cristo? Que caminhos podem ser usados para ir do AT a Cristo?

B) Progressão da história redentora: baseada nos pontos: criação, queda, redenção no AT (de Israel para ser luz às nações), redenção em Jesus (de todas as nações para Seu reino) e nova criação (vitória final). É o modo fundamental de pregar Cristo no AT. Focaliza o AT como uma história dinâmica com um objetivo a ser alcançado (Jesus). Este caminho se vê principalmente em narrativas, que sempre devem ser entendidas em três níveis: história pessoal, nacional e redentora. Exemplo: a história de Davi e Golias é mais que uma disputa pessoal ou a vitória do rei ungido sobre os inimigos do povo, é também parte da disputa entre a semente da mulher e a da serpente, cuja decisão final

acontece em Jesus. Nos salmos, por exemplo, o desejo de estar no templo é cumprido em Jesus que nos deu livre acesso ao Pai.

C) Promessa-cumprimento: Cristo é o cumprimento das promessas do AT. Deus cumpre suas promessas progressivamente (podem ter mais de um cumprimento até o final). É importante, portanto, ir ao NT ver como é cumprido ali e voltar ao AT para perceber outros itens não referidos no NT. A profecia de Is 61, por exemplo, se cumpriu no retorno do exílio, na vinda de Jesus e ainda se cumprirá no Dia da Vingança. O sinal de Emanuel (Is 7.14) se cumpriu em 732 a.C., em Jesus (Mt 1.23), no Pentecostes (Deus conosco) e ainda se cumprirá (Ap 21.3). Assim também se interpretam os salmos reais (2, 18, 20, 45, 72, 89 e 110) aplicados ao Messias e as narrativas.

D) Tipologia: pressupõe crer na soberania de Deus e na sua interferência na história para executar seu plano de redenção. Deve-se evitar usar tipologia em detalhes (por exemplo: nas cores do tabernáculo). O tipo verdadeiro tem quatro características: é histórico, teocêntrico, tem analogia significativa com o antítipo, tem escalonamento (Mt 12.41-42). Regras de uso: sempre interpretar antes literal e historicamente; procurar a mensagem central sobre a atividade redentora de Deus; determinar o sentido simbólico do tipo no AT (pois se não houver não é tipo); notar os pontos de contraste entre tipo e antítipo; manter o mesmo sentido do tipo (com escalonamento); pregar Cristo de forma que todos sejam atraídos a ele. A maioria dos tipos é encontrada nas narrativas. Deve-se ter cuidado, pois um tipo não é tipo em todo o tempo (por exemplo, Moisés não tipifica Cristo quando matou o egípcio, ou Arão quando fez o bezerro de ouro).

E) Analogia: através de situações paralelas, a Palavra dada a Israel pode ser aplicada à Igreja hoje. Através da posição principal de Cristo na história redentora, Israel e a Igreja se tornaram o mesmo tipo de povo de Deus (Gl 3.29; Ef 2.12-13). Percebem-se analogias no que Deus é e faz por Israel e no que ele em Cristo é e faz pela Igreja, nos ensinos e exigências das duas situações. Por ser mais genérica, pode ser aplicada em ampla variedade de textos.

F) Temas longitudinais: enfoca a progressão da revelação de Deus, do seu querigma, tratada pela disciplina de Teologia Bíblica. Os temas principais do AT que são caminhos a Cristo são: reino de Deus, sua providência, aliança, presença, amor, graça, justiça, redenção, lei, pecado e ofertas pela culpa, mediador, Dia do Senhor, etc.

G) Referências no NT: os autores do NT, ao citar o AT, não estão dando uma interpretação definitiva daquela passagem, mas apenas a usando para suporte de sua mensagem. Por isso, textos correlatos devem ser usados com prudência.

H) Contraste: deve ser sempre centralizado em Cristo, pois ele é o responsável por mudanças da mensagem do AT para o NT. Ele é a solução para os “problemas” do AT (exemplo: aniquilação dos povos – Dt 20.16-17; sábado x domingo; Ez 1.28 x Jo 1.14; salmos imprecatórios x Mt 5.44; Ec x 1Co 15.57-58). Nossa preocupação ao pregar deve ser a de levar os ouvintes a Jesus, pois o andar com ele é que faz toda a diferença na vida!

7. Passos para um sermão:

A) Selecione um texto visando as necessidades da congregação. Primeiro se vê as necessidades que se deseja atingir, depois se busca um texto que a atinja. Deve-se ser fiel ao texto, percebendo quais necessidades de Israel ele supre. O texto selecionado deve ser uma unidade completa, não um fragmento.

B) Ler o texto em seu contexto literário diversas vezes. Buscar as questões que o texto levanta, pensando também do ponto de vista de outras pessoas com necessidades específicas.

C) Esboçar a estrutura do texto. Isto nos faz assimilar o conteúdo e entender o fluxo do texto.

D) Interpretar no contexto histórico. Usar as ferramentas de análise literária, histórica (nos leva a entender o objetivo original do autor e que necessidade do povo ele estava atingindo) e teocêntrica (o que a passagem revela sobre Deus, Seus atos redentores e sua vontade).

E) Formular o tema do texto. Escrever uma frase que resuma o pensamento global do texto. Identificar claramente o objetivo do autor.

F) Entender a mensagem no contexto do cânon e da história redentora. A ênfase literária agora abrange toda a Bíblia, a ênfase histórica abrange toda a história da redenção e a ênfase teocêntrica se torna cristocêntrica (perguntando: o que isto significa à luz de Cristo?). Aqui se vê o caminho que devemos seguir para chegar a Cristo a partir do texto.

G) Formular o tema e objetivo do sermão, em harmonia com o texto.

H) Selecionar uma forma apropriada de sermão, que siga o fluxo e forma do texto.

I) Preparar o esboço do sermão. Planejar a introdução, as ilustrações. Verificar repetições e coerência das partes com o tema. Um bom esboço se caracteriza pela unidade, balanço (simetria) e movimento para um clímax.

J) Escreva o sermão em estilo oral: frases curtas, vívidas, substantivos e verbos fortes, imagens e ilustrações memoráveis.

K) Praticando em Gn 22.1-19: paralelo quiástico com 12.1-9 (deixar passado – família, país x deixar futuro – filho). Israel identifica-se com Isaque. Relacionado com Ex 22.29 (o primogênito é de Deus) e Ex 34.20 (resgate). O tema é “Deus provê um cordeiro para o sacrifício de forma que Isaque (Israel) possa viver”. Ensina que vivemos pela graça e fidelidade do Senhor, que devemos ser agradecidos pela provisão da oferta substitutiva, que devemos confiar na fidelidade do Deus da aliança em prover redenção. Isaque não é tipo de Cristo e sim o carneiro que o substituiu. O texto aponta para Cristo, conforme Mt 3.17; Jo 3.16; Rm 8.32; Mc 10.45. Usa-se o caminho da história redentora e da promessa-cumprimento (Gn 22.18 x Mt 1.1). Para esboçar o sermão, elabora-se o corpo, conclusão e depois a introdução, que deve despertar o interesse para o texto.

8. Praticando

Para testar o método cristocêntrico no lugar do alegórico, vejamos alguns exemplos que levam a Cristo:

A) Dilúvio (Gn 6–8). Pela história redentora (HR), vemos a graça de Deus se manifestando em meio ao seu julgamento; pela tipologia, Noé é o começo de uma nova raça, mas em Cristo este início é escalonado; o tema de julgamento e graça permeia toda a Bíblia, e as referências no NT são várias.

B) Águas de Mara (Ex 15.22-27). Pela HR, vemos Deus provendo água a Adão (Gn 1.29), Noé (9.3) até o Ap (7.16-17). Pela tipologia, Moisés atua como mediador entre o povo e Deus; pela analogia, Deus é o provedor de Israel (cf. Mt 6.31-32). O tema das águas segue em Ex 17.17; Nm 20.1-13; Sl 23.2. Referências do NT são Mt 6.25; Jo 4.14; Ap 21.6; 22.17. Contraste: água viva (Jo 4).

C) Batalha contra Amaleque (Ex 17.8-16). O tema é Deus provendo vitória ao seu povo nas batalhas. HR: a batalha entre os inimigos de Deus e o seu povo permeia toda a HR. Tipologia: Josué prefigura Cristo em sua vitória contra os inimigos de Deus. Analogia: Cristo também dá vitória sobre o pecado, morte e anticristo. Tema: Deus como rei guerreiro. Referências: Rm 8.37-39. Contraste: luta do NT é espiritual.

D) Novilha vermelha (Nm 19). Narra o uso da água purificadora (com as cinzas da novilha) quando alguém se tornasse impuro. HR: Deus provê um meio de nos purificar do contato com a morte e pecado (At 2.38). Tipologia: novilha morre para purificar, assim como Cristo. Analogia: purificação externa x interna. Temas: batismo. Referências: Hb 9.13-14; 10.19-22. Contraste: At 10.15; Rm 14.14.

E) Jericó (Js 2–6). Deus dá Jericó para Israel destruí-la completamente, mas salva Raabe e sua família. HR: Israel traz o julgamento de Deus sobre Canaã, mas há salvação para os gentios (Mt

1.5; 28.19-20; Ap 21.24). Tipologia: Josué destrói a fortaleza do inimigo (Mt 12.28-29). Analogia: ensino sobre consequências da idolatria. Tema: desejo de Deus de salvar todas as nações (Gn 12.3; Is 42.6; Ap 7.9-10). Referências: Mt 1.5. Contraste: nação singular contra nações inimigas x amar inimigos e discipular as nações.